



Moacir Santos, arranjador: organizando fontes

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Música Popular

Fábio Lima Marinho Gomes
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
fabiolimamgomes@gmail.com

Resumo. Esta comunicação apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado em andamento sobre a atuação de Moacir Santos (1926-2006) enquanto arranjador no Rio de Janeiro (1948-1966). Tendo como interesse geral discutir as relações entre música, cultura e sociedade, a investigação busca interpretar as fontes históricas ao eleger o arranjo como objeto privilegiado de análise na obra de Santos, especificamente na sua produção voltada à Rádio Nacional e à indústria fonográfica. Neste presente trabalho, buscou-se articular o conjunto documental coletado em primeira etapa, tipificando, apresentando e relacionando as fontes primárias. Por fim, a organização das fontes permitiu formular hipóteses iniciais sobre a promoção de Santos na Rádio Nacional, sua posterior inserção na indústria fonográfica e possíveis desigualdades relacionadas à sua condição racial e migratória.

Palavras-chave. Música Popular, Moacir Santos, Arranjador, Fontes.

Moacir Santos, Arranger: Organizing Sources

Abstract. This communication presents partial results from ongoing doctoral research on the activity of Moacir Santos (1926-2006) as an arranger in Rio de Janeiro (1948-1966). With the general interest of discussing the relations between music, culture and society, this work aims to interpret historical sources by choosing arrangement as a privileged object of analysis in Santos's work, specifically in his production geared towards Rádio Nacional and the recording industry. In this present work, we sought to articulate the set of documents collected in the first stage, classifying, presenting and relating the primary sources. Finally, the organization of the sources made it possible to formulate initial hypotheses regarding Santos's promotion on Rádio Nacional, his subsequent entry into the recording industry, and potential inequalities linked to his racial and migratory background.

Keywords. Popular Music, Moacir Santos, Arranger, Sources.

Introdução

Este trabalho decorre da pesquisa de doutorado em andamento iniciada em 2025 na área de Música, que se debruça sobre a atuação do músico pernambucano Moacir Santos (Moacyr José dos Santos, 1926-2006) enquanto arranjador na cidade do Rio de Janeiro durante o período de 1948 a 1966¹. Inserida na linha de pesquisa *Música, Cultura e Sociedade*, a

¹ A pesquisa está sendo realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



investigação busca analisar e interpretar as fontes históricas a partir de uma problemática de ordem sociocultural manifestada em linguagem musical. Toma-se, assim, o arranjo como objeto privilegiado de análise na obra de Santos, especificamente na sua produção enquanto arranjador vinculado à Rádio Nacional, através dos programas radiofônicos, e à indústria fonográfica, por meio dos discos de 78 rpm e dos LPs.

Em âmbito geral, a tese busca compreender como o arranjador contribuiu para a produção radiofônica e fonográfica da época, avaliando em que medida sua dupla condição de negro e migrante influenciou sua atuação. Para tal, preteriu-se abordar o problema por meio das noções de cultura sonora e linguagem musical fonogênica, ao pressupor que a análise do arranjo em sua dimensão sócio-histórica revela quais sonoridades foram validadas socialmente ou não, sendo a fonogenia de um determinado momento histórico atrelada à sua cultura sonora. Portanto, o objetivo geral da pesquisa de doutorado é propor uma narrativa sobre a construção cultural de uma linguagem musical fonogênica, historicamente inscrita, a partir da trajetória de Santos.

Nesta comunicação específica, a intenção é compartilhar o processo de coleta das fontes através da organização do conjunto documental realizado neste primeiro estágio da pesquisa. Esse conjunto não é exclusivamente composto por fontes musicais, integrando também as orais, hemerográficas, institucionais e visuais. Portanto, o objetivo aqui é tipificar, apresentar e relacionar as fontes, de modo a articular indícios históricos que permitam realizar análises prévias e formular hipóteses iniciais sobre a atuação de Santos enquanto arranjador no local e período selecionados.

Arranjo, cultura e sociedade

Antes de adentrar no assunto central desta comunicação, é importante apontar alguns pressupostos teórico-metodológicos que levam à compreensão de que o arranjo musical é objeto privilegiado para o entendimento das relações entre música, cultura e sociedade. O primeiro deles, de Peter Szendy (2001), traz a ideia de que o arranjo musical permite “escutar a escuta do arranjador” por meio da singularidade que revela a escuta particular de um determinado arranjador. Além disso, e talvez mais importante para este caso, um arranjo pode ser analisado pela sua dimensão sócio-histórica, pois demonstra quais sonoridades foram consideradas, em cada época, “escutáveis” e quais foram excluídas de uma escuta validada socialmente, acusadas de “feias”, “ultrapassadas” ou “impróprias”.





Nesse sentido, o segundo pressuposto introduz a noção de uma linguagem musical fonogênica, trabalhada por Maurício Teixeira (2001) como um “padrão de organização de timbres, dinâmicas, combinações e modulações harmônicas e acentuações e divisões rítmicas, permeado pelos processos de industrialização e comercialização da música gravada” (TEIXEIRA, 2001, p. 66). Segundo o autor, o arranjo era uma das principais ferramentas do padrão fonogênico, que começa a aparecer ao final dos anos 1920, sobretudo por meio da escrita musical em partitura.

E o terceiro pressuposto envolve a noção conceitual de cultura sonora apresentada por Virgínia Bessa, Juliana González, Cacá Machado e José Geraldo de Moraes (2023). Os autores, ao indicarem elementos metodológicos e conceituais para se pensar a historicização das escutas e dos sons gravados, apontam o problema acerca das limitações de um passado audível por meio da fonografia, referente à pouca informação sobre como esses sons eram ouvidos pelas pessoas. Para ajudar a solucionar esse problema, os autores trabalham com a ideia de cultura sonora que, segundo eles, não é prescritiva: “deve ser compreendida como o conjunto de práticas, percepções e concepções associadas às sonoridades e às escutas de uma dada comunidade ou sociedade em determinadas circunstâncias históricas” (BESSA, GONZÁLEZ, MACHADO e MOARES, 2023, p. 3).

Cavando fundo: a busca pelas fontes

A diversidade das fontes acessadas reflete o objetivo geral da tese, que pretende responder uma problemática que ultrapassa os parâmetros unicamente musicais. Ou seja, para além da materialidade dos arranjos (via gravações ou partituras), se fazem necessários outros documentos históricos que possam auxiliar na compreensão da atuação de Santos enquanto arranjador no Rio de Janeiro durante os anos 1950 e 1960. Até o momento, pode-se classificar três tipos gerais de fontes coletadas, são elas: 1) sonoras, 2) escritas e 3) visuais. Subdividindo as sonoras, separam-se em duas: a) musicais e b) orais. E com as escritas, também em duas: a) hemerográficas e b) institucionais.

Apresentando as fontes sonoras musicais, há as gravações radiofônicas referentes à atividade de Santos enquanto funcionário da Rádio Nacional e os fonogramas presentes nos discos em 78 rpm e em vinil, na vertente dos arranjos voltados à indústria fonográfica. No contexto radiofônico, destaca-se o arranjo orquestral para o samba *Na Baixa do Sapateiro* (Ary





Barroso) feito por Santos e executado pela Orquestra da Rádio Nacional em gravações de 1954 e 1955. No primeiro ano, foi na ocasião do anúncio público de sua promoção a arranjador e maestro (ou orquestrador/instrumentador), deixando de ser instrumentista (saxofonista), em setembro de 1954. E no ano seguinte, o arranjo foi executado durante o último episódio do programa *Quando os maestros se encontram*, em abril de 1955. Já no âmbito discográfico, foram encontrados 14 fonogramas em 78 rpm no acervo digital do Portal da Discografia Brasileira do Instituto Moreira Salles (IMS) que possuem arranjos e/ou orquestra dirigida por Santos, no período de 1957 a 1963. Destacam-se os fonogramas com interpretações de sambas canção e boleros feitas pelos cantores Lúcio Alves e Alberto Miranda, contidos nos discos de 1957 e 1960, respectivamente. E em vinil, os LPs de bossa nova *Elizeth interpreta Vinícius*, de Elizeth Cardoso, e *Vinicius & Odette Lara*, de Vinicius de Moraes e Odette Lara, ambos lançados em 1963, tiveram seus fonogramas integralmente arranjados por Santos.

Quanto às fontes sonoras orais, foram coletadas locuções radiofônicas da Rádio Nacional e depoimentos/entrevistas de Santos cedidos ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro e de São Paulo em 1992, fornecendo informações e interpretações de sua própria vida e trajetória profissional por meio da memória. As locuções trazem comentários sobre Santos e seu arranjo de *Na Baixa do Sapateiro* para as ocasiões citadas anteriormente. Referente ao arranjo, o locutor Reinaldo Costa comenta na gravação de 1954: “A gente pensa que não há novas ideias para arranjar músicas já muito arranjadas, mas não é verdade. Moacir Santos vai nos mostrar o que imaginou para o samba de Ary Barroso”. Acerca da promoção de cargo, Costa anuncia:

A Rádio Nacional se orgulha em apresentar esta noite um nome novo entre os instrumentadores brasileiros: Moacir Santos. Moacir, moço ainda, chegou ao Rio há poucos anos para tentar a carreira, trazendo a alma povoada de sonhos e talento o bastante para conseguir o que já conseguiu pelos seus próprios méritos. Estudioso, Moacir é integrante de nossas orquestras como saxofonista e deseja agora dedicar-se ao campo da instrumentação. (COSTA, 1954)

Partindo para as fontes escritas, há as hemerográficas publicadas em periódicos da época e acessadas por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Duas matérias exclusivas sobre Santos são significativas, contendo entrevista e informações detalhadas, realizadas pelo jornal *A Noite* (RJ) em 1955 (figura 1) e pelo *Correio da Manhã* (RJ) em 1964 (figura 2). Na primeira, Santos é visto como uma revelação no cenário da música carioca na série de reportagens *Verdadeiros Valores Novos*, apresentando o músico como um jovem



orquestrador que estava gradualmente firmando seu prestígio nos meios musicais. O principal motivo para esse atributo foi o fato de Santos ter sido promovido a maestro/arranjador na Rádio Nacional em apenas seis anos, tornando-se uma “grande promessa”. E na segunda, Santos já é considerado um dos nomes mais importantes da música popular brasileira fazendo “música de ritmo e de paixão”, sendo respeitado e conceituado nos meios artísticos e professor de célebres figuras da bossa nova, embora não fosse conhecido pelo grande público ouvinte.

Figura 1 – Manchete matéria *A Noite* (RJ) em 1955



Fonte: Hemeroteca Digital da BN

Figura 2 – Manchete matéria *Correio da Manhã* (RJ) em 1964



Fonte: Hemeroteca Digital da BN

Já as fontes escritas institucionais são referentes aos documentos da Rádio Nacional em que há informações de Santos como funcionário. Nas figuras 3 e 4, constam cópias das identidades funcionais em 1948 e 1960, sinalizando a mudança de cargo (músico/instrumentista para maestro/arranjador), no mesmo sentido da manchete presente na figura 1: “de saxofonista a orquestrador”. Um detalhe chama a atenção nas duas figuras abaixo: a mudança do nome do funcionário - transformando “Moacyr José dos Santos”, o músico que possuía “um saxofone de sua propriedade”, em “Moacir Santos”, o maestro/arranjador. Nesse caso, o nome completo é, paradoxalmente, um elemento pouco distintivo, quase anônimo.

Figura 3 – Identidade funcional (1948)



Fonte: Arquivo Família Santos. Adnet e Nogueira (2005)

Figura 4 – Identidade funcional (1960)



Fonte: Arquivo Família Santos. Adnet e Nogueira (2005)



O trabalho de Leandro Pereira (2012) torna acessível duas importantes fontes institucionais: os dados funcionais resumidos de Santos presentes na lista dos arranjadores contratados pela Rádio Nacional (figura 5) e a tabela de remuneração dos arranjadores e/ou regentes que trabalhavam na empresa em 1961 (figura 6). Com as poucas informações contidas nos dados funcionais, pode-se confirmar na figura abaixo que Santos iniciou na Rádio como saxofonista em 1948 e foi promovido a maestro em 1954, encerrando suas atividades em 1966 – produzindo um total de 379 arranjos. Na tabela de remuneração (figura 6), identifica-se que Santos exercia dupla função de arranjador e regente pelo salário fixo de 20 mil cruzeiros mensais e recebia cachê pela regência das orquestras de programas, podendo chegar à quantia de 28 mil cruzeiros. Em comparação, nota-se que sua remuneração era a mais baixa dentre os colegas que exerciam as mesmas funções e ainda chegava a ser inferior à dos que exerciam somente uma das funções. Considerando que Santos era o único negro e um dos poucos nordestinos desse quadro de funcionários, é pertinente a suspeita de racismo institucional sob a forma de disparidade salarial. Os sobrenomes italianos de alguns colegas, como Lazzoli, Gnattali e Panicali, realçam a possível discrepância com relação à origem social, o que só uma futura prosopografia poderá comprovar, fornecendo provas de relações desiguais de trabalho.

Figura 5 – Dados funcionais resumidos

21. Moacyr Santos (Moacyr José dos Santos; Tab. 3 n. 143), com 379 arranjos. Foi admitido como músico (sax) em 1º de julho de 1948. Promovido a *maestro* em 1º de dezembro de 1954 e desligado da emissora em 14 de novembro de 1966.

Fonte: Acervo Rádio Nacional. Pereira (2012)



Figura 6 – Tabela de remuneração dos arranjadotes e/ou regentes (1961)

Maestros	Salário	Função	Observações
Alberto Lazzoli	Cr\$34 mil	Arranjador e regente	Mensalista, recebe um cachê de Cr\$1 mil, pela regência de determinados programas e, em média, chega a atingir mensalmente Cr\$15 mil. Total: Cr\$49 mil (mais ou menos)
Alexandre Gnattali	Cr\$28 mil	Arranjador e regente	Mensalista, também recebe cachê pela regência de determinados programas e, em média, chega a atingir mensalmente Cr\$8 mil. Total: Cr\$36 mil (mais ou menos)
Francisco Duarte	Cr\$25 mil	Regente, não trabalha como arranjador na RN	Mensalista. É o chefe do Arquivo Musical. Cr\$3 mil pela chefia e Cr\$3 mil pelo serviço de controle e distribuição de músicas para serem orquestradas pelos arranjadores. Total: Cr\$31 mil
Ercole Vareto	Cr\$34 mil	Regente, não trabalha como arranjador na RN	Mensalista. Também recebe cachê pela regência de determinados programas e, em média, chega a atingir mensalmente Cr\$20 mil, e Cr\$3 mil de gratificação. Total: Cr\$57 mil (mais ou menos)
Lyrio Panicali	Cr\$34 mil	Arranjador e regente	Mensalista, também recebe cachê pela regência de determinados programas e, em média, chega a atingir mensalmente Cr\$10 mil. Total: Cr\$44 mil (mais ou menos)
José Zimbres	Cr\$31 mil	Arranjador, pianista e regente	Mensalista, também recebe cachê pela regência de determinados programas e, em média, chega a atingir mensalmente Cr\$8 mil. Total: Cr\$39 mil
Moacyr Santos	Cr\$20 mil	Arranjador e regente	Mensalista, também recebe cachê pela regência de determinados programas e, em média, chega a atingir mensalmente Cr\$8 mil. Total: Cr\$28 mil (mais ou menos)
Radamés Gnattali	Cr\$48 mil	Arranjador, pianista e regente	Mensalista. Total: Cr\$48 mil
Alceo Bocchino	Cr\$25 mil	Arranjador e regente	Contratado. Total: Cr\$25 mil

Fonte: Acervo Rádio Nacional. Pereira (2012)

Por fim, as fontes visuais são os invólucros dos suportes musicais: os rótulos dos discos em 78 rpm e as capas dos LPs em que Santos assinou como arranjador. Abaixo, o rótulo do disco em 78 rpm de Lúcio Alves (figura 7) confirma a autoria dos arranjos de Santos, antes somente informada pelo Portal da Discografia Brasileira (IMS): “Arr. Moacir Santos”. E as capas dos LPs *Elizete interpreta Vicius* (figura 8) e *Vinicius & Odette Lara* (figura 9) atentam para um detalhe curioso: a indicação do arranjador nas capas dos discos, informação que comumente era reservada à ficha técnica, contida no fundo ou no encarte. Assim como já foi comentado anteriormente, esse pode ser outro indício que reforça o aumento da reputação profissional de Santos, ao ter seu nome inserido na capa de importantes discos de bossa nova da época, provocando apelo para a escuta e o consumo do produto LP.

Figura 7 – Lúcio Alves Lado A disco 78 rpm (1957)



Fonte: IMMUB

Figura 8 – Capa LP *Elizete interpreta Vinicius* (1963)



Fonte: IMMUB

Figura 9 – Capa LP *Vinicius & Odette Lara* (1963) com destaque



músicas de Baden Powell e Vinicius, arranjos e regência de maestro Santos

Fonte: IMMUB

Considerações finais

A organização das fontes potencializou a pesquisa realizada na primeira etapa do doutorado ao promover o cotejamento do conjunto documental histórico, relacionando criticamente os diversos rastros do objeto, considerando as suas parcialidades e verificando as informações. Além disso, propiciou análises prévias das fontes que permitem sugerir, aqui nas considerações finais, três hipóteses iniciais sobre como Santos contribuiu para a produção radiofônica e fonográfica da época enquanto arranjador. Essas hipóteses poderão ser mais fundamentadas nos próximos trabalhos, ao avançar da pesquisa.

A primeira delas é a de que Santos foi promovido a maestro/arranjador na Rádio Nacional em 1954 porque sabia escrever arranjos orquestrais para músicas populares de maneira “válida” e “aceitável”, de acordo com a fonogenia da época incorporada como diretriz artística da Rádio. No caso de *Na Baixa do Sapateiro*, samba de Ary Barroso, tudo indica que foi escolha de Santos utilizar-se dessa composição para demonstrar suas habilidades. Não por acaso, um outro samba de Barroso já havia sido matéria prima de um célebre arranjo orquestral: *Aquarela do Brasil* arranjado por Radamés Gnattali, colega veterano de Santos que ingressou



em 1936 na Rádio, e interpretado pelo cantor Francisco Alves na gravação de 1939. A segunda hipótese decorre da primeira, ao considerar que a promoção na Rádio foi crucial para a atuação de Santos enquanto arranjador fora dela, na indústria fonográfica, ao atribuir-lhe prestígio institucional. Uma possível pista para fortalecer essa hipótese é que sua produção de arranjos para discos, de acordo com as fontes acessadas até o momento, só se iniciou em 1957, três anos após a promoção. A partir daí, Santos foi paulatinamente conquistando espaço enquanto profissional, inicialmente arranjando sambas canção, boleros e marchinhas, numa primeira fase, e posteriormente bossa nova. Por último, a terceira hipótese é a de que esse desenvolvimento profissional de Santos (por meio da promoção, boa reputação, atividade como professor e de ter seu nome nas capas dos LPs) foi obtido apesar dos entraves decorrentes de sua condição racial e migratória, a exemplo da suspeita de disparidade salarial apontada.

Referências

ADNET, Mário; NOGUEIRA, Zé. *Choros & alegria: cancioneiro Moacir Santos*. Rio de Janeiro: Jobim Music, 2005.

BESSA, Virgínia; GONZÁLEZ, Juliana; MACHADO, Cacá; MORAES, José Geraldo de. História e Cultura Sonora: a historicização das escutas e dos sons. *Revista de História*, São Paulo, n. 182 (dossiê), 2023.

“De saxofonista a orchestrador: Moacir Santos, novo que é grande promessa”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 08 set. 1955, p. 11.

“Moacir Santos: Música de Ritmo e de Paixão”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1964, p. 5.

PEREIRA, Leandro. Os arranjadores da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, décadas de 1930 a 1960. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2012.

Quando os Maestros se Encontram – AER183. Rio de Janeiro: Collector’s (Nacional-RJ), 01 abr. 1955.

SZENDY, Peter. *Écoute: une histoire de nos oreilles*. Paris: Minuit, 2001.

TEIXEIRA, Maurício. *Música em conserva: arranjadores e modernistas na criação de uma sonoridade brasileira*. Dissertação (Mestrado em Literatura) - FFLCH, USP, São Paulo, 2001.

